

## Nietzsche, o filósofo que ri: a comédia, a alegria e o riso na filosofia nietzschiana

Romildo Dias de Melo Neto<sup>1</sup>

Martha Solange Perrusi<sup>2</sup>

**RESUMO:** A temática da comédia, do riso e da alegria em Nietzsche, ainda que pouco estudada, ocupa lugar de destaque em seu pensamento. Em seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia*, Nietzsche se volta para a cultura grega antiga e, além das reflexões acerca da lírica e da tragédia, discute a comédia, em especial, Aristófanes. Há motivos para considerar que a leitura de tal comediógrafo influenciou a leitura nietzschiana dos autores daquele período, como o filósofo Sócrates e o tragediógrafo Eurípedes. Já em outras obras, como *A gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche trata o riso e a alegria como essenciais para uma grande saúde, sendo importantes fontes para superação do niilismo e afirmação da vida. Dessa forma, este trabalho buscou compreender através das obras do próprio Nietzsche e de seus comentadores as influências da comédia grega e de Aristófanes em seu pensamento, bem como compreender a importância do riso e da alegria em sua filosofia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche. Comédia. Alegria. Riso.

### INTRODUÇÃO

Nietzsche é um filósofo europeu da segunda metade do século XIX que rompe com a tradição filosófica ocidental inaugurada por Sócrates e Platão, a qual tem como base a razão na busca pelo conhecimento. Nietzsche, todavia, acusa essa filosofia de ser a filosofia de um modo decadente de vida porque não considera outros modos de se relacionar com a realidade para além da razão e menospreza a possibilidade de conhecer através dos sentidos, das paixões, dos instintos e da arte (MACHADO, 2005). Por conseguinte, esse afastamento dos sentidos trouxe a seriedade para a filosofia, tornando-a pesada, séria e dogmática.

Nietzsche então constrói uma crítica e nela aponta que a filosofia tradicional ao se propor conhecer a verdade apenas por meio da razão, “ficcionaliza a existência de uma realidade plena e estável em um mundo mais perfeito [...] no qual a verdade é concebida como a correspondência entre a realidade estável desse supramundo e um sujeito neutro” (SUAREZ, 2007, p. 11). Nesse sentido, Nietzsche se volta contra essa forma de fazer filosofia e mostra que ela é, na verdade, um sintoma de empobrecimento do espírito humano já que limita as possibilidades de conhecer e viver a existência e não leva em consideração o que está além da razão. Para Nietzsche, uma filosofia que só considera uma única perspectiva para compreender a

1 Graduando em Filosofia (Bacharelado), Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: [romildo.neto@hotmail.com](mailto:romildo.neto@hotmail.com)

2 Doutora em Filosofia, Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: [martha.perrusi@unicap.br](mailto:martha.perrusi@unicap.br)

realidade é decadente – mais, é negadora da vida. Diferentemente, ele diz: a razão é apenas uma pequena razão que faz parte de uma grande razão (NIETZSCHE, 2011, p. 34), sendo a grande razão, o corpo. O corpo e os seus variados processos. O corpo e as suas incoerências e “irracionalidades”.

Dessa forma, em um contexto de crítica à tradição do pensamento filosófico ocidental, Nietzsche faz uma filosofia da transvaloração de todos os valores e da afirmação da vida. Sua filosofia se apresenta em um movimento crítico de desconstrução da tradição filosófica que se encaminha para uma reconstrução do pensamento filosófico através outras perspectivas além da razão. Sendo assim, Nietzsche propõe um pensamento filosófico que contra a siseudez e o dogmatismo seja leve e alegre, que através do risível liberte o espírito da gravidade da tradição. Nesse movimento filosófico inovador, Nietzsche faz uso do que nos propomos a compreender aqui neste artigo: a comédia grega, em especial as perspectivas do comediógrafo Aristófanes, a alegria e o riso.

## 1 A INFLUÊNCIA DE ARISTÓFANES

Aristófanes, comediógrafo grego, viveu em Atenas na Grécia antiga, na época do período crítico da decadência da democracia ateniense. Tem-se notícias de que Aristófanes escreveu muitas comédias, mas nós, hoje, só temos acesso apenas a algumas, entre elas *As Nuvens* e *As rãs*. Aristófanes, em suas comédias, falava de figuras importantes do seu tempo por uma perspectiva cômica, criando caricatura das personagens, exagerando em seus defeitos e/ou características muito evidentes. Nietzsche então lê Sócrates (*As Nuvens*) e Eurípedes (*As Rãs*) por essa perspectiva diferente da visão platônica e da filosofia subsequente que apresentava um Sócrates sereno e quase divino.

Na comédia *As nuvens*, encontramos Sócrates sendo retratado como um bufão e como um sofista. A comédia em epígrafe narra que o comerciante Estrepsíades, endividado por conta dos excessos de seu filho, foi aconselhado a se consultar com Sócrates, no “Pensatório”, para que aprendesse o discurso injusto e, assim, conseguisse vencer os credores no tribunal. Aristófanes, dessa forma, “desmistifica a imagem ascética dos filósofos ao atribuir-lhes as características negativas que a filosofia cuidou de imputar aos sofistas” (FERREIRA, 2020, p. 16).

Essa peça de Aristófanes teria sido responsável por difamar Sócrates em Atenas, uma vez que o ridicularizaria tanto como um filósofo da *physis* (por viver nas “nuvens”<sup>3</sup>) como

3 As Nuvens são tratadas pelo Sócrates de Aristófanes como divindades, sendo possível, inclusive, que a acusação de não acreditar nos deuses da cidade tenha começado e se espalhado a partir dessa narrativa. Quando Sócrates recebe Estrepsíades, polvilha-o com farinha e enaltece as Nuvens em uma paródia aos ritos iniciáticos órficos: “É preciso que o velho fique calado e preste atenção à prece! (*Solenemente*) Senhor Soberano, Ar incomensurável, que sustentas a Terra suspensa no Espaço! Éter brilhante e veneráveis deusas, Nuvens, portadoras do trovão e do raio! Levanta-vos, Senhoras, mostrai-vos ao pensador, suspensas no ar!” (ARISTÓFANES, 1972, 260-265, p. 188-189)

também como sofista (por ensinar o discurso injusto se sobrepondo ao discurso justo)<sup>4</sup>. Sócrates é ridicularizado na peça de Aristófanes como um sofista exagerado. Além disso, quando Sócrates aparece, ele está elevado como que sobre as nuvens, em uma analogia possível à teoria das ideias de Platão. É possível, portanto, fazer uma correspondência legítima entre as duas visões (a aristofanesca e a platônica) do filósofo, sendo uma depreciativa e outra apologética.

É nesse sentido que, ao falar de Sócrates, Nietzsche se apropria da visão aristofanesca e o retrata como uma figura cujo corpo se encontra cansado e deformado, com as suas forças em desequilíbrio e com seus instintos em total anarquia. Tomemos dois exemplos, um do livro *O nascimento da tragédia*, obra da juventude de Nietzsche, e outro do livro *Crepúsculo dos Ídolos*, texto da maturidade do filósofo.

O primeiro exemplo aparece quando Nietzsche, ao se referir a Sócrates e sua influência na arte de Eurípedes, diz: “um demônio de recentíssimo nascimento, chamado SÓCRATES” (NIETZSCHE, 1996, p. 79). No outro exemplo, em sua obra tardia, Nietzsche diz, “em tudo Sócrates é exagerado, bufão, caricatura, e, simultaneamente, em tudo é oculto, de segundas intenções, subterrâneo” (NIETZSCHE, 2014, p. 19). É nesse sentido que Nietzsche, tanto em sua juventude quanto em sua maturidade, “para tecer seus próprios comentários pejorativos a respeito de Sócrates, estabelece uma aliança estratégica com Aristófanes” (FERREIRA, 2020, p. 15).

Compreendemos que, além da visão de Aristófanes sobre Sócrates, Nietzsche também se apropria em sua crítica de Aristófanes para demonstrar “a estreita afinidade existente entre Sócrates e Eurípedes” (NIETZSCHE, 1996, p. 84). Na comédia *As Rãs*, encontramos uma íntima relação do tragediógrafo Eurípedes com Sócrates. Aristófanes, nessa obra, apresenta Eurípedes como um artista que precisava da razão para guiar dialeticamente a construção da trama de suas tragédias (FERREIRA, 2020). Segundo Nietzsche, os argumentos utilizados por Eurípedes contra Êsquilo nessa comédia de Aristófanes são os mesmos que Sócrates usa contra a tragédia em seu filosofar. Mas não só isso, Nietzsche também aponta que, segundo uma lenda que circulava na antiga Atenas, “Sócrates costumava ajudar Eurípedes em seu poetar” (NIETZSCHE, 1996, p. 84).

Na comédia *As Rãs*, Aristófanes coloca Dioniso se dirigindo ao Hades com seu servo Xantias, uma vez que está com saudade das tragédias e dos poetas que já teriam morrido. Ao encontrar Eurípedes no Hades, Dioniso o provoca para que fale de seus “novos deuses”,

4 É importante pontuar que, em seu julgamento, Sócrates começa se defendendo dos seus detratores na polis antes mesmo de se defender dos acusadores no tribunal e, entre tantos acusadores, se refere explicitamente a “um certo comediógrafo”: “Em primeiro lugar, atenienses, devo responder às primeiras acusações falsas de que fui objeto e aos meus primeiros acusadores; depois, às acusações e acusadores mais recentes (...) Mas aqueles que são mais temíveis, ó atenienses, porque tomaram muitos de vós à sua conta desde crianças, persuadindo-vos, com falsas acusações, de que havia um certo Sócrates, homem sábio, que se ocupava dos fenômenos celestes, investigava o que se passava debaixo da terra e era capaz de fazer prevalecer sobre as boas as causas más. (...) E o mais absurdo de tudo isto é que não é possível conhecermos seus nomes, para os citar, com exceção talvez de um certo comediógrafo.” (PLATÃO, 1997, 18 a-d, p. 16)

ao que Eurípedes conclama: “Ó Éter, meu alimento, sustentáculo da língua; ó Compreensão, finíssimo olfato, fazei com que eu refute, à altura, os argumentos do meu adversário.” (ARISTÓFANES, s.d., 890, p. 128). Nessa fala de Eurípedes, é possível perceber duas conexões com Sócrates, a primeira, porque Eurípedes invoca um dos deuses particulares que Sócrates invocou na comédia *As Nuvens*. Já a segunda conexão é representada pelo caráter racional, dialético e argumentativo presente nessa fala de Eurípedes. É assim que, a partir de Aristófanes, torna-se possível a Nietzsche colocar Sócrates e Eurípedes lado a lado.

Segundo Roberto Machado, “com Sócrates, a compreensão mítica do mundo desaparece, quando a lógica se torna a deusa suprema da ciência” (MACHADO, 2005, p. 22), o que levaria os nobres instintos afirmadores da vida da cultura trágica ao fim. Já com Eurípedes, por compreender o mito logicamente e por se guiar pelo ideal de que “tudo deve ser inteligível para ser belo” (NIETZSCHE, 1996, p. 81), teríamos o advento do socratismo estético na arte e a morte da tragédia ática grega por suicídio.

Acrescente-se a tal visão de Nietzsche, o término do diálogo *Banquete* de Platão, que conta com Aristófanes como um dos participantes. Ao fim dos discursos, estavam acordados apenas Agatão, Aristófanes e Sócrates que ainda tomavam vinho quando Sócrates começou a conversar sobre comédia. Sócrates “forçava-os” a admitir que um mesmo homem seria capaz de compor tanto uma tragédia como uma comédia, “forçados a isso, e sem o seguir com muito rigor, eles cochilavam, e primeiro adormeceu Aristófanes e, quando já se fazia dia, Agatão.” (PLATÃO, 1972, 223d, p. 59). Essa passagem é bem emblemática de que, enquanto comediógrafo, Aristófanes faz rir e, enquanto filósofo discursando sobre comédia, Sócrates faz dormir. Eis a filosofia socrática, tão séria que dá sono.

Portanto, podemos dizer que a visão do comediógrafo Aristófanes influenciou a visão de Nietzsche sobre a cultura grega antiga, sobretudo a sua visão sobre Sócrates e Eurípedes. A perspectiva aristofanesca tem grande repercussão na crítica à tradição filosófica que Nietzsche empreende, transformando Sócrates e Eurípedes em símbolos da negação da vida.

## 2 A COMÉDIA GREGA NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

O segundo ponto do nosso estudo é a influência da comédia grega no pensamento de Nietzsche. Além da perspectiva do comediógrafo Aristófanes para tratar de figuras como Sócrates e Eurípedes e para compreender a civilização grega, Nietzsche faz uso em sua filosofia de elementos da comédia em sua crítica à tradição filosófica ocidental. De um modo bastante peculiar, “Nietzsche trata todos os filósofos [...] como personagens cômicos” (SUAREZ, 2007, p. 10), e considera que “a história da filosofia é algo digno de ser visto, um espetáculo protagonizado por filósofos [...] em uma iconoclasta comédia de erros” (SUAREZ, 2007, p. 15). O filósofo, nesse sentido, faz da comédia a sua aliada tanto de um ponto de vista formal como de um ponto de vista estratégico na construção dos seus argumentos (FERREIRA, 2020).

Nietzsche argumenta que a vontade de tudo conhecer a todo custo da filosofia (PERRUSI, 2001) acabou por tornar muito sério e pesado seu ofício, transformando ideias e preconceitos em conceitos fixos e verdades imutáveis. Nesse contexto, a filosofia passou a ter um caráter dogmático, impedindo que os próprios filósofos se dessem conta de que as suas verdades consistem, na verdade, em perspectivas. Ou seja, para Nietzsche, os filósofos da tradição, apegados à crença na razão como reveladora da verdade, se enganam ao pensar que encontram a verdade e enganam ao dizer o que é a verdade (SUAREZ, 2007).

Sendo assim, “a estratégia principal da crítica nietzschiana à filosofia é tratar como trivialidades, banalidades, as conclusões que a filosofia gostaria de preservar em sua alçada rigorosa e purificadora” (SUAREZ, 2007, p. 32). Nietzsche então inverte os conceitos e juízos filosóficos tidos por intocáveis em tudo aquilo que os filósofos da tradição rejeitam em seus complexos sistemas de pensamento, transformando-os em superstição. Essa inversão, por conseguinte, causa o efeito cômico ao retirar os conceitos e ideias da posição séria e dogmática que antes ocupavam, trazendo-os de volta ao mais simples, ao que é humano, aproximando-os, portanto, do comum.

O uso da comédia em seu filosofar não é em vão. Nietzsche vai ao cerne do dionisíaco e compreende que o cômico existe “enquanto descarga artística da náusea do absurdo” (NIETZSCHE, 1996, p. 56), sendo, pois, da mesma origem do trágico. O dionisíaco, como nos diz Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, é “o conhecimento básico da unidade de tudo o que existe, a consideração da individuação como causa primeira do mal” (NIETZSCHE, 1996, p. 70). Dioniso é o deus sofredor, é “aquele que experimenta em si os padecimentos da individuação” (NIETZSCHE, 1996, p. 70), o que nos leva a compreender que “devemos considerar o estado de individuação como fonte e causa primordial de todo o sofrer” (NIETZSCHE, 1996, p. 70). Nesse sentido, se a individuação é a causa de todo o sofrer, o fim da individuação é o fim do sofrimento. O elemento dionisíaco, portanto, representa o fim da individuação e o encontro com o Uno-primordial, sendo “um raio de alegria que se espalha pelo semblante do mundo dilacerado” (NIETZSCHE, 1996, p. 70)<sup>5</sup>.

Dessa forma, o elemento dionisíaco quando expresso na arte se apresenta como “a esperança jubilosa de que possa ser rompido o feitiço da individuação, como pressentimento de uma unidade restabelecida” (NIETZSCHE, 1996, p. 70). O que nos leva a compreender que através da arte dionisíaca, como sugere Nietzsche, nós rompemos a individuação que causa sofrimento e temos acesso ao sentimento de unidade que nos alegra e dá prazer frente a existência.

Sabendo que filosofia é arte (PERRUSI, 2001), Nietzsche, então, adere a uma posição artística para construir o seu pensamento filosófico. A comédia, nesse sentido, aparece para ele como uma ferramenta de grande valia, pois é “um espelho de aumento deformador, onde

5 Inclusive, Nietzsche, ao se referir ao fim da comédia antiga com o início da comédia nova, critica precisamente o apelo ao individual e aos costumes cotidianos. Como diz Vilma Areas, “a comédia nova, representada na Grécia por Menandro, e em Roma por Plauto e Terêncio, não deixa de ter vislumbres de parentesco com a própria tragédia de Eurípedes, afastando-se da comédia aristofanesca.” (AREAS, 1990, Pp.36)

os vícios e os defeitos humanos se amplificam, especialmente as tendências muito humanas à inconsciência e à vaidade” (SUAREZ, 2007, p. 32).

Com base nisso que, em sua crítica à racionalidade, Nietzsche retrataria os filósofos da tradição como em uma comédia, realçando com a sua lente de aumento cômica os contornos e os relevos desse drama. A comédia, portanto, tem grande influência no pensamento nietzschiano, sendo uma estratégia argumentativa para a elaboração da sua crítica à tradição e aos filósofos da tradição.

Destacamos, porém, que essa influência da comédia vai além da apropriação dos elementos cômicos para construir seus argumentos críticos contra a tradição. A comédia está presente também na compreensão que Nietzsche tem da vida, sendo uma noção que aparece com mais ênfase em seus escritos de maturidade, como em *A gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*. A vida, para Nietzsche, nessa fase do seu pensamento, deixa de ter o caráter trágico, pesado e sublime que tinha na fase de *O nascimento da tragédia* e passa a ser compreendida como a cômica e alegre existência trágica do homem, como “eterna comédia do existir” (NIETZSCHE, 2012, p. 52).

### 3 A ALEGRIA E O RISO COMO FONTES DA AFIRMAÇÃO DA VIDA

O terceiro ponto da nossa pesquisa é o pensamento de Nietzsche sobre a alegria e o riso. Ainda que apareçam de forma secundária já em suas primeiras obras, quando Nietzsche trata do elemento dionisíaco da arte, da sabedoria do Sileno e ainda em sua crítica a Sócrates e Eurípedes pela morte da tragédia; o riso e a alegria em Nietzsche se tornam centrais em sua fase madura de pensamento, sendo por ele considerados como elementos importantes contra a razão dogmática da tradição e sobretudo contra o niilismo e a negação da vida.

Nietzsche, dessa forma, faz do riso e da alegria fontes importantes para uma grande saúde (NIETZSCHE, 2012, §382, p. 286) afirmadora da vida. Para Nietzsche, o riso é uma ferramenta de libertação do espírito humano da negação da vida, “o riso liberta o indivíduo da coerção do necessário” (DIAS, 2020, p. 160), abrindo espaço para a liberação de um riso longamente represado pela seriedade da razão.

O filósofo alemão considera que seria preciso aprender a ser leve com a atitude de artista, tal atitude de artista traria uma leveza que os pensadores sérios não têm. Como ele diz em *A gaia ciência*:

Ocasionalmente precisamos descansar de nós mesmos, olhando-nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o *herói* e também o *tolo* que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria! (NIETZSCHE, 2012, p. 132-133)

Tratamos o conhecimento de um modo sério demais, pesado demais e, assim, nos tornamos sérios e pesados. Contra essa seriedade e esse peso, Nietzsche considera que, com fins de tornar tanto a vida como a sabedoria leves, deveríamos assumir a necessidade de uma “arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa” (NIETZSCHE, 2012, p. 133).

O conhecimento tem sido sério e pesado, assim como a moral. Com a moral, exigimos de nós mesmos uma retidão implacável, uma severidade na condução de nossas ações, uma rigidez comportamental. Em contraponto a esse rigor, Nietzsche propõe um alegre saber (gaia ciência), em que poderíamos brincar e voar acima da moral, aplicar a “artística distância” com uma postura leve, possível de se conquistar com a arte, que Nietzsche descreve como uma “necessidade”.

Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, assim descreve o espírito de gravidade: “Quando vi o meu diabo, achei-o sério, meticuloso, profundo e solene: era o espírito de gravidade – ele faz todas as coisas caírem” (NIETZSCHE, 2011, p. 41). Em seguida, se questiona sobre como matar o espírito de gravidade. Mata-se o espírito de gravidade com o riso, diz Zaratustra, não com a ira. Sendo assim, Nietzsche nos diz que para nos livrarmos do espírito de gravidade é necessário que haja a afirmação da vida e que através dessa afirmação nos tornemos leves e subamos para o alto – criando a distância artística –, pois “quem sobe aos montes mais altos ri das tragédias do palco e da vida” (NIETZSCHE, 2011, p. 39).

A bem dizer, Nietzsche, no início de *A gaia ciência*, já anuncia quão importante é o tema do riso na sua filosofia:

Rir de si mesmo, como se deveria rir para fazê-lo *a partir da verdade inteira* – para isso os melhores não tiveram bastante senso de verdade até hoje, e os mais talentosos tiveram pouco gênio! Talvez ainda haja um futuro também para o riso! Quando a tese de que ‘a espécie é tudo, o indivíduo, nada’ houver se incorporado à humanidade e a cada um, em cada instante, estiver livre o acesso a essa derradeira libertação e irresponsabilidade. Talvez então o riso tenha se aliado à sabedoria, talvez haja apenas ‘gaia ciência’. Por enquanto ainda é bem diferente, por enquanto a comédia da existência ainda não se ‘tornou consciente’ de si mesma, por enquanto este é ainda o tempo da tragédia, o tempo das morais e das religiões (NIETZSCHE, 2012, §1, p. 51).

Para melhor entender a importância da alegria, do riso e da comédia em sua filosofia, compreendemos que há em Nietzsche duas compreensões de trágico. A primeira compreensão de trágico está presente nos escritos de juventude, como em *O nascimento da tragédia*. Já a segunda compreensão está presente em escritos da sua maturidade, como em *A gaia ciência*, depois que Nietzsche tem a visão do eterno retorno (BARRENECHEA, 2020).

Nietzsche, nesse sentido, define, em sua primeira compreensão, a tragédia como a tragédia da seriedade e da dor. No entanto, em sua segunda compreensão, Nietzsche encontra um outro sentido para o trágico. Um sentido que é mais profundo e mais abrangente, um sentido que está presente na alegria e no riso, na eterna comédia do existir. Nessa nova visão de Nietzsche se instaura a saúde e a alegre sabedoria no trágico, que “agora surge [como] uma compreensão cômica e alegre da trágica existência do homem” (BARRENECHEA, 2020, p. 129). Nietzsche, então, retorna ao *pathos* lúdico, leve e irônico dos antigos rituais dionisíacos, do *kômos*, resgatando o sentido original do termo tragédia, que significa “o canto do bode” e se dá como uma celebração irrestrita da natureza em seu eterno devir.

Nesse sentido, por meio do riso e da alegria, Nietzsche afirma o eterno ciclo de tudo o que existe. Com Zaratustra, pois, Nietzsche reafirma alegremente, “um canto para dançar e zombar do espírito de gravidade” (NIETZSCHE, 2011, p. 103), pois é no riso que se encontra a coragem para afirmar a vida em suas dores e em suas flores; “a coragem: [que] até agora, sempre matou em mim todo desânimo [...] a coragem [que] é o melhor matador” (NIETZSCHE, 2011, p. 150).

Sendo assim, como nos diz Nietzsche, com coragem, riso e alegria podemos nos livrar do peso da moral, do conhecimento e da negação da vida; com a coragem, com o riso e com a alegria como partes essenciais de nossa grande saúde podemos afirmar a vida de forma irrestrita – para que possamos rir tal qual o pastor de “Da visão e do enigma”, “não mais um pastor, não mais um homem – um transformado, um iluminado que ria! Jamais, na terra, um homem riu como ele ria!” (NIETZSCHE, 2011, p. 154).

## CONCLUSÃO

Neste artigo, portanto, buscamos apresentar a influência da comédia grega aristofanesca no pensamento de Nietzsche, destacando como essa influência se manifesta na crítica que Nietzsche faz à tradição filosófica ocidental e na construção de sua filosofia afirmadora da vida. Nietzsche, ao adotar uma abordagem cômica em sua crítica à seriedade e ao dogmatismo, revela os limites da razão como único meio para compreender a realidade.

Destacamos sobretudo a influência de Aristófanes na filosofia nietzschiana, sobretudo no que se refere a visão sobre Sócrates e Eurípedes, que Nietzsche se apropria das caricaturas cômicas desses personagens feita por Aristófanes para desconstruir a imagem séria e quase divina que lhes foi conferida pela tradição filosófica.

Evidenciamos, ainda, que Nietzsche utiliza a comédia não apenas como uma estratégia argumentativa, mas também como um meio de liberar o espírito humano da gravidade e da moral rígida da tradição e para isso destacamos a importância da alegria e do riso em sua filosofia. Compreendemos, então, que o riso, para Nietzsche, é uma ferramenta de libertação do espírito humano da negação da vida que proporciona uma visão mais leve e artística do conhecimento e da existência. Nietzsche, nesse sentido, enfatiza que a alegria e o riso são

essenciais para a afirmação da vida, permitindo que os indivíduos se distanciem da seriedade excessiva e encontrem motivo para rir e se alegrar do eterno ciclo que sempre torna a girar.

Nietzsche, portanto, faz uma filosofia que celebra a alegria, o riso e a comédia como meios de superar a seriedade e o dogmatismo em direção a uma compreensão afirmativa da vida, encontrando na comédia grega elementos poderosos que desafiam a tradição filosófica e apontam para uma visão transformadora do mundo.

## REFERÊNCIAS

- AREAS, Vilma. *Iniciação à comédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ARISTÓFANES. As Rãs. In ARISTÓFANES. *Teatro Grego: Eurípedes e Aristófanes – Prefácio e tradução de Junito Brandão*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, s.d. páginas 79-156.
- ARISTÓFANES. As Nuvens. In *Os Pensadores – Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. páginas 175-230.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. O riso e a alegria na concepção nietzschiana de tragédia. In: MOURILLE, F; VASQUES, J; DIAS, R. (org) *Nietzsche e o riso*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. páginas 123-133.
- DIAS, Rosa. Nietzsche, uma “gargalhada de ouro”. In: MOURILLE, F; VASQUES, J; DIAS, R. (org) *Nietzsche e o riso*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. páginas 159-168
- FERREIRA, Adriano. A perspectiva cômica de Nietzsche na crítica a Sócrates em O nascimento da tragédia. In: MOURILLE, F; VASQUES, J; DIAS, R. (org) *Nietzsche e o riso*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. páginas 11-26
- MACHADO, Roberto. (org) *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PERRUSI, Martha. Filosofia... arte... vida. In: LINS, Daniel. (org) *Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, páginas 173-182, 2001.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- PLATÃO. Banquete. In *Os Pensadores – Platão*. São Paulo Abril Cultural, 1972. páginas 7-59.
- POMPEU, Ana Maria César. *Aristófanes: o dramaturgo da cidade justa*. São Paulo: Giostri, 2019.
- SUAREZ, R. *Nietzsche comediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.